

Sons para uma vida melhor

PEDRO LADEIRA

Saulo Araújo

As mãos são ariscas. Jogar a bola para lá e para cá, trocar a roupa das bonecas e fazer afago no cachorro são tarefas simples para a pequena Sirleide Borges Teixeira. Com as pernas, a criança também é especialista. Sobe em árvores, corre pelo quintal e pula durante horas sem cansar. Porém, a vida da garotinha não é completa. O destino a privou de um sentido. Sirleide nasceu surda. Na gravidez, a mãe, a doméstica Valéria Borges da Conceição, 26 anos, teve rubéola — doença que causou a deficiência na filha.

Prestes a completar seis anos, no dia 15 de setembro, Sirleide já ganhou um presente. E que presentão! No último sábado, foi submetida a uma cirurgia de implante coclear, que consiste na colocação de um dispositivo eletrônico na cavidade de audição. O aparelho é popularmente conhecido como ouvido biônico.

O procedimento cirúrgico ocorreu no Hospital Universitário de Brasília (HUB) e foi um

sucesso. Sirleide recebeu alta já no domingo. Entre 40 e 50 dias, ela volta ao HUB para receber a segunda parte do aparelho, que ficará na parte externa do ouvido. Após esta etapa, ela finalmente poderá ouvir os primeiros sons.

"O período de 40 a 50 dias serve para a cicatrização do ferimento e recuperação do paciente. Depois disso, ela entrará na fase de reabilitação auditiva, que deve durar cerca de quatro anos", explicou o otorrinolaringologista do HUB, André Sampaio. Valéria comemorou o resultado positivo. "Vai ser uma alegria muito grande quando ela começar a escutar", disse a mãe da menina, muito emocionada.

■ Batalha

Mas a conquista foi suada. Nenhum hospital da rede pública de saúde do Distrito Federal possui credenciamento para realizar o implante do ouvido biônico. Os médicos alertaram que quanto mais o tempo passasse, mais complicado seria o tratamento de Sirleide. Com receio de que a filha ficasse surda para o resto da vida, Valéria e o

marido, o desempregado Célio Henrique Teixeira, 39 anos, decidiram recorrer à Justiça.

O casal pediu auxílio ao Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), que sugeriu que a família procurasse a Defensoria Pública. Após nove meses de espera, a Justiça determinou que a Secretaria de Saúde comprasse o aparelho — que custa em média R\$ 40 mil — e arcasse com todos os custos da operação.

Mas ainda restava o problema de atendimento hospitalar. Em Brasília, o implante não é feito. Os únicos estados credenciados para fazer o tratamento são Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte.

Célio lembra que pensou em levar Sirleide para um desses locais, mas o custo seria muito alto. "O governo fornece a passagem, mas eu não teria como me hospedar, pagar alimentação, entre outros gastos. Tudo isso inviabilizou minha ida. Fiquei muito frustrado na época, mas agora estou aliviado e, graças a Deus, minha filha vai ouvir", comemora o pai. A cirurgia foi autorizada a ser feita no DF.



■ SIRLEIDE ESTÁ ANSIOSA PARA OUVIR OS PRIMEIROS SONS. ELA QUER SABER COMO É A VOZ DO PICA-PAU